

# OS JARDINS REAIS NA ASSÍRIA

## - UMA REPRODUÇÃO IDEALIZADA DA NATUREZA

*Francisco Caramelo\**

### **As fontes escritas e iconográficas**

As fontes literárias da Mesopotâmia, no período neo-assírio, particularmente os anais e as inscrições reais a partir do séc. IX a.C., assim como os baixos-relevos gravados nas paredes dos palácios desta época, reflectem um acentuado interesse pela fauna e flora, bem como pela representação da natureza. A Assíria constrói uma hegemonia política e militar que abrange quase todo o Próximo Oriente antigo e que se mantém até finais do séc. VII a.C.<sup>1</sup>. Os Assírios tomam contacto com uma geografia física diferente daquela que conheciam e a sua curiosidade repercute-se na arte e na literatura. As referências a paisagens diferentes, a espécies vegetais exóticas e a animais invulgares, a uma natureza que impõe dificuldades à progressão dos exércitos e, conseqüentemente, à expansão da ordem assíria, encontram eco numa literatura e numa arte que têm claramente uma função ideológica e política.

### **Consciência da alteridade**

A expansão assíria e as rotas comerciais que cruzavam o império contribuíram para uma visão do mundo mais aberta e mais consciente da alteridade. As relações mais frequentes e intensas, através do comércio e da guerra, com as diversas e remotas regiões do Médio Oriente, desde as montanhas dos Zagros até à Arménia e desde o Golfo Pérsico até à Síria, à

---

\* Departamento de História

<sup>1</sup> Em 612 a.C., Nínive é conquistada pela coligação entre Medos e Babilónios e em 609 a.C., Assur-uballit, à frente de um exército resistente, sucumbe perante as investidas dos invasores. Cf. Francisco Caramelo, *A mensagem política de Jeremias na crise de 609-587 a.C.*, Cascais, Patrimonia, 1996, pp. 51-52.

Palestina e ao Egito, terão despertado e cultivado a curiosidade indisfarçável pelo exótico.

O interesse etnográfico e uma certa consciência da alteridade reflectem-se nos textos e nas representações iconográficas. Exemplo disso é o detalhe com que relatam aspectos da natureza dos territórios que atravessam e que conquistam. Estas descrições obedecem a uma certa padronização retórica: grandes montanhas cujas passagens eram numerosas e difíceis; montanhas cujo cume ficava no meio das nuvens, no meio do céu, aonde desde os primórdios da humanidade nunca o homem fora, pretendendo evidenciar um sentido de exploração do inalcançável; montanhas cujo pico se assemelha à lâmina de um punhal; caminhos inacessíveis e remotos; rios de difícil travessia; desertos; regiões áridas e secas.

Atentemos, pois, no texto da carta endereçada ao deus Aššur onde é relatada a oitava campanha de Sargão:

Between Mount Nikippa and Mount Upâ, high mountains, covered with all kinds of trees, whose surface was a jungle, whose passes were frightful, over whose area shadows stretch as in a cedar forest, the traveler of whose paths never sees the light of the sun, I marched. The Bûia River, which (flows) between them, I crossed as many as twenty-six times, my army being unafraid of the high waters of its flood. Mount Simirria, a large mountain peak, which stands out like the blade of a lance, raising its head above the mountains where the goddess Bêlit-ilâni resides, whose summit reaches to the heavens above, whose root strikes downward into the midst of Arallu (the lower world); where, as on the back of a fish, there is no going side by side, and where the ascent is difficult (whether one goes) forward or backward; on whose sides gorges and precipices yawn, to look at which with the eyes, inspires fear; – its road was too rough for chariots to mount, bad for horses, and too steep to march foot soldiers (over it)<sup>2</sup>.

O rei assírio é apresentado nestas descrições como uma figura heroificada que vence todas as adversidades que se lhe apresentam neste mundo inóspito, difícil e desconhecido. É o mundo não-assírio que é desbravado, explorado, conquistado e trazido para dentro da ordem assíria. Para o rei, herdeiro de Aššur, o criador, as quatro regiões, o mundo, eram o seu domínio legítimo e competia-lhe conquistá-las e trazê-las para a ordem assíria.

Outro exemplo destas convenções literárias na descrição do espaço não-assírio é o que podemos ler no relato da quinta campanha de Senaquerib:

<sup>2</sup> Daniel Luckenbill, *Ancient Records of Assyria and Babylonia* Volume II *Historical Records of Assyria from Sargon to the End*, New York, Greenwood Press, Publishers, 1968, pp. 74-75. Doravante, referiremos como *ARAB*.

Gullies, mountain torrents and waterfalls, dangerous cliffs, I surmounted in my sedan chair. Where it was too steep for my chair, I advanced on foot. Like a young gazelle I mounted the high(est) peaks in pursuit of them<sup>3</sup>.

Em conclusão, nestas descrições encontramos um estereótipo da natureza não assíria que se baseia em aspectos como o carácter distante, inóspito e árido, inacessível, ajudando assim a representar todo um mundo por conquistar, hostil, mas que pertencia por direito ao rei assírio. No fundo, esta descrição convencional, sustentada por estereótipos literários, alude a um espaço não-assírio, um mundo-outro, constituído por montanhas inacessíveis, rios inultrapassáveis, estepes e desertos, cenários com atributos que definem a ausência de ordem tal como ela era concebida no espaço assírio, esse sim, ordenado e equilibrado.

### Os jardins: estereótipo da natureza ordenada

A contrastar com estas descrições convencionais da natureza hostil não-assíria, encontramos um outro *topos* literário nas inscrições e nos anais reais, confirmado pela iconografia. Trata-se da referência constante a jardins. Com frequência, a alusão à edificação de um jardim surge associada à construção de uma nova cidade capital. Uma nova capital constituía na ideologia das civilizações pré-clássicas, não apenas a assíria, a afirmação do poder de um novo rei ou de uma nova dinastia. É o que acontece com Dûr-Sharrukin, a nova capital construída por Sargão. O texto refere: «A park like unto Mount Amanus, in which were set out every tree of the Hittite-land, the plants (fruit-trees) of every mountain»<sup>4</sup>. O seu sucessor, Senaquerib, concentra-se na ampliação de Nínive. Diz no texto:

«The area of Nineveh, my royal city, I enlarged. I widened its squares, and made it shine like the day. The outer wall I built and made it mountain high. Above the city and below the city I laid out parks. The wealth of mountains and all lands, all the herbs of the land of Hatti (Syria), myrrh plants, among which fruitfulness was greater than in their (natural) habitat, all kinds of mountain vines, all the fruits of (all) lands (settlements), herbs and fruitbearing trees I set out for my subjects»<sup>5</sup>.

Numa descrição do seu próprio reinado, Tiglat-Falasar I (1113-1076 a.C.), falando na primeira pessoa, como é convenção neste género de textos,

<sup>3</sup> ARAB II, p. 122. Podemos ler outros exemplos em ARAB II, pp. 60.79, 86, 226 e *passim*.

<sup>4</sup> ARAB II, p. 42.

<sup>5</sup> ARAB II, p. 171.

refere que trouxe dos territórios submetidos cedros e outras árvores que nenhum dos seus predecessores havia conhecido, bem como plantas raras e inexistentes na Assíria e que as plantou nos jardins do país<sup>6</sup>.

Voltemos a Senaquerib. A propósito da edificação do «palácio sem rival», assistimos à descrição de um ambiente algo exótico e luxuriante, criado artificialmente:

«By the command of the god, within the orchards, more than in their (native) habitat, the vine<sup>7</sup>, every fruitbearing tree, and herbs thrive luxuriously. The cypress and mulberry, all kinds of trees, grew large and sent out many shoots (?). The cane-brakes developed rapidly (mightily), the birds of heaven, the *igiru*-birds, whose home is far away, built their nests; the wild-swine and beasts of the forest brought forth young in abundance. The mulberry and the cypress, the product of the orchards, the reeds of the brakes which were in the swamp, I cut down and used them as desired, in the building of my royal palaces. The wool-bearing trees they sheared and wove (the wool) into garments»<sup>8</sup>.

Destaca-se a importação de uma planta exótica, para a época, que produzia lã, de acordo com as palavras do texto<sup>9</sup>. Trata-se do algodão. Mas estes textos descrevem também a construção de canais destinados a trazer água a áreas onde esta escasseava. Menciona-se, em especial, a construção de um a que Senaquerib dá o seu próprio nome. A par da edificação de canais que traziam água para Nínive e do esforço de construção de Senaquerib, o texto refere os jardins e a importação de árvores de fruto que foram trazidas das montanhas e de todas as terras:

A great park, like unto Mount Amanus, wherein were set out all kinds of herbs and fruit trees, – trees, such as grow on the mountains and in Chaldea, I planted by its (the palace's) side. (...) To increase the vegetation, from the border of the town of Kisiri to the plain about Nineveh, through mountain and lowland, with iron pickaxes I cut and directed a canal.<sup>10</sup>

Os textos referem um grande parque que lembra o Monte Amanus<sup>11</sup>,

---

<sup>6</sup> ARAB I, p. 87.

<sup>7</sup> Sobre o cultivo da vinha na Mesopotâmia, cf. Francisco Caramelo, «A importância simbólica do vinho na Mesopotâmia», in Javier Maldonado Rosso (ed.), *Actas del I Simpósio de la Asociación Internacional de Historia y Civilización de la vid y el vino* vol. I, El Puerto de Santa Maria, Asociación Internacional de Historia y Civilización de la vid y el vino – Ayuntamiento de El Puerto de Santa Maria, 2001, pp. 213-219.

<sup>8</sup> ARAB II, p. 172.

<sup>9</sup> Vd. também ARAB II, p. 170.

<sup>10</sup> ARAB II, p. 162.

<sup>11</sup> Ficava na Síria, junto à costa mediterrânica até às montanhas do Tauro. É possível que se

onde terão sido colocadas todas as espécies de plantas e de árvores de fruto – árvores como as que cresciam nas montanhas e na Caldeia.

A insistência nestes tópicos literários parece querer evidenciar como o homem molda a natureza, como a adapta, condicionando os seus próprios constrangimentos. A guerra é a expressão do domínio de Aššur, a divindade tutelar, e o rei interpreta os desígnios divinos apropriando-se do espaço não-assírio e integrando-o na ordem legítima. Os jardins traduzem a domesticação desse espaço e desse mundo hostil.

Estes parques abrigavam também animais exóticos trazidos durante as campanhas militares. Tiglat-Falasar I refere a procura de animais destinados à caça, como gazelas, cervos, etc. O obelisco negro de Salmanasar III (859-827 a.C.) alude aos presentes do rei do Egito: camelos, búfalos, um rinoceronte, um antílope, elefantes, macacos e babuínos. Estes presentes traduziam o prestígio do ofertante e do destinatário da oferta. No entanto, o camelo devia vir da Bactriana e o elefante da Ásia.

Num dos relatos alusivos a Ashurnasirpal, alude-se a esse interesse pela fauna:

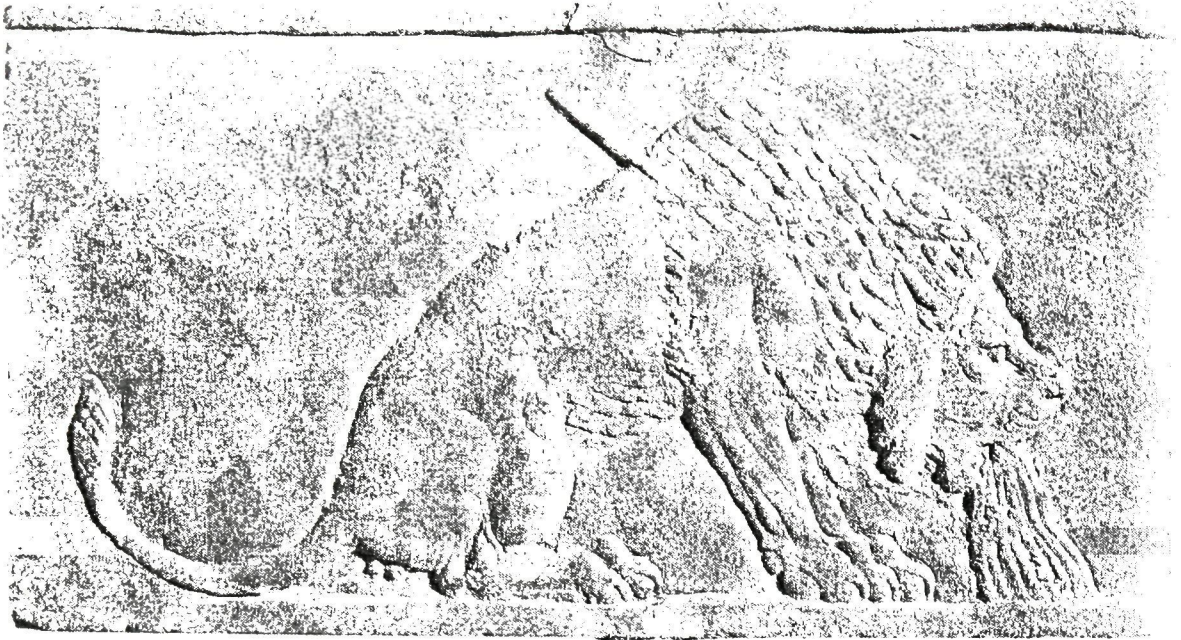
By my outstretched arm (*lit.*, hand) and impetuous courage, fifteen mighty lions from the mountains and the forests I seized with my hand, and fifty lion-cubs I carried away, and, in the city of Calah and the palaces of my land, put them in cages, and I caused them to bring forth their cubs in abundance (...) herds of wild oxen, elephants and lions, and MAL-SHIR-birds, male and female *pagâte*, wild asses, gazelles, stags, *asâte* (wolves?), panthers, and *senkurri*, all the beasts of plain and mountain, I collected in my city of Calah<sup>12</sup>.

Os leões eram trazidos para esses parques onde as caçadas eram encenadas. O rei matava o leão do seu carro, mas devidamente protegido para evitar qualquer acidente ou surpresa. A caçada tornava-se um rito religioso e o rei fazia libações sobre o animal morto. Através da caça, o soberano afirmava a sua coragem individual, o seu heroísmo, o seu domínio sobre o mundo. As caçadas ao leão eram mais do que exercícios lúdicos, constituíam um fenómeno de renovação do poder e da força vital que passava magicamente do animal para o rei. Estava nas suas mãos criar, construir, conservar, mas também destruir, eliminar e renovar. Esta caça ritualizada significava a própria guerra, decorrendo num cenário que pretendia representar o mundo num micro-cosmos em que o rei imperava e dominava.

---

verificasse alguma influência hitita neste modelo de parque, designadamente nas construções de pequenos palácios e de pórticos com colunas, *hilani*, um *hall* aberto suportado por pilares ou colunas.

<sup>12</sup> ARAB I, p. 189.



J. E. Curtis e J. E. Reade (ed.), *Art and Empire. Treasures from Assyria in the British Museum*, London, British Museum Press, 2000, p. 88.

Este gosto e interesse pelos jardins na Assíria confirmam o cenário a que alude a lenda ou mito dos jardins suspensos da Babilónia. Os textos assírios e babilónicos mostram-se, não obstante, silenciosos. São, em contrapartida, os autores gregos que evocam Semíramis (Sammu-ramat), a mãe do rei assírio Adad-nirari III (810-783 a.C.), ou Nabucodonosor II (604-562 a.C.) como os responsáveis pela sua edificação. No entanto, aventa-se ainda a possibilidade dos míticos jardins terem sido edificados por Senaquerib (704-681 a.C.). A tradição que atribui a Nabucodonosor os Jardins Suspensos conta que o rei babilónico terá desejado agradar à sua esposa, oriunda da Média, proporcionando-lhe um ambiente semelhante àquele que ela conhecia no seu país de origem.

O geógrafo grego Estrabão aludiu à elevação artificial das águas do Eufrates que alimentavam os jardins, o que terá impressionado vivamente nesse tempo. Os jardins não seriam suspensos, mas antes construídos em terraços. Apesar do silêncio das fontes mesopotâmicas, a tradição que evoca os Jardins Suspensos reflecte a impressão que o contacto com o Oriente terá provocado entre os Gregos. Diodoro da Sicília atribui a edificação dos jardins a um rei assírio que pretendia impressionar uma das suas mulheres, oriunda da Pérsia. Beroso afirma que os jardins terão sido obra de Nabucodonosor que queria agradar à sua mulher natural da Média.

O mito bíblico do jardim do Éden pode também cruzar-se com esta tradição dos jardins reais. Gn.2,8-25 refere que Deus criou um jardim em

Éden, no Oriente, e que lá colocou o homem. Da terra, nasceram todas as espécies de árvores e toda a variedade de frutos. Deus criou ainda muitas espécies de animais selvagens e de aves. O jardim bíblico traduzia esse conceito de ordem primordial e o sentido do essencial, também na expressão de um microcosmos em que imperava a soberania do homem e que representava a totalidade.

Também na *Epopéia de Gilgamesh* encontramos um jardim onde se reflecte a condição do homem e o seu destino. Gilgamesh lamenta a morte do seu amigo Enkidu e, temendo a sua própria morte, resolve procurar o único homem que a venceu – Utnapishtim. Depois de uma longa viagem por caminhos e terrenos difíceis, chegou finalmente ao «jardim dos deuses, rodeado de arbustos com pedras preciosas. Ao ver aquilo resolveu-se a descer, porque havia o fruto da cornalina com a vinha pendente, belo de ver; havia penduradas folhas de lápis-lazúli espessas e com fruto; o que era suave de ver. Em vez de espinhos e cardos havia hematite e pedras raras, ágata e pérolas do mar»<sup>13</sup>. O jardim dos deuses, onde Gilgamesh procura Utnapishtim, traduz possivelmente um conceito de ordem ideal, onde uma vez mais a harmonia contrasta com a natureza adversa, sintetizando o belo e o aprazível.

## Conclusão

O jardim traduz a unidade do mundo (porque é representativo do mundo), mas também a sua diversidade, a sua ordem, em contraste com o seu lado caótico. Nesse sentido, é a reprodução da criação divina. Constitui um microcosmos que o rei ou o homem dominam e de que se apropriam, procurando conservá-lo.

Na Assíria, o domínio sobre a natureza e a sua apropriação encontram a sua expressão na reunião de numerosas espécies animais e vegetais, oriundas de todas as terras, que para além de acentuarem um gosto pelo exótico e a curiosidade, num tempo de contactos frequentes com terras distantes, traduzem uma visão idealizada de um mundo criado pelos deuses mas legitimamente administrado pelo seu eleito. Como rei das quatro regiões, tinha legitimidade para estender o domínio assírio e a ordem assíria a todo o mundo.

O jardim é, no entanto, também, um lugar em que a natureza dominada, serena, ordenada, se opõe à natureza hostil que os Assírios descrevem nos relatos sobre as suas campanhas. Ao mundo assírio opõe-se o mundo não assírio. A reprodução do mundo exterior à Assíria, agora domesticado, representa e significa o domínio do rei assírio sobre o mundo não assírio.

---

<sup>13</sup> A *Epopéia de Gilgamesh* (versão de Pedro Tamen do texto inglês de N.K. Sandars), Lisboa, Edições António Ramos, 1979, p. 75.

O jardim representa também a natureza domesticada e dominada pelo homem. A capacidade de adaptar as diversas espécies animais e vegetais a novos ambientes e sobretudo a possibilidade de controlar a água que se manifesta na construção de canais, aquedutos, piscinas, etc. Há como que uma re-actualização da criação. A água é, nos mitos cosmogónicos orientais, desde o *Enuma elish* até à própria tradição bíblica, o elemento que urge dominar e conter.

No jardim, encenam-se vários actos que traduzem esse domínio humano como algo dinâmico e não definitivo. O rei, como eleito/filho de deus, está no jardim como centro do mundo e domina-o. A caça ao leão e ao touro, carregados de simbologia religiosa e política, exprime, para além da identificação com o animal e da assimilação dos seus atributos essenciais, o poder e a conservação da ordem.

O jardim, como espaço harmonioso, pode também ser cenário de festa. No baixo-relevo que a seguir apresentamos, a festa associa-se à dimensão idílica do jardim. Mas esta vertente idílica surge associada à vitória e é assim que, paralelamente à expressão serena do casal real, envolvido pela profusão de árvores e videiras que pendem, destrinçamos a cabeça de Teumann, arqui-inimigo da Assíria, pendurada numa das árvores. Aquilo que para nós são o belo e o horrível convivem lado a lado como expressão do poder assírio e da ordem sobre a totalidade.



Michael Roaf, *Cultural Atlas of Mesopotamia and the Ancient Near East*,  
New York-Oxford, Facts on File, 1990, p. 190.

Todas estas dimensões parecem ter contribuído para o *topos* literário do jardim cujos reflexos encontramos nas tradições bíblica e islâmica.